

*Paulistano* (de posição republicana nesse tempo), a *Gazeta de Campinas*, em que colaborava Campos Sales, *O Paulista*, *O Comércio de Santos*, *O Ipanema* e *O Sorocabano*, em São Paulo; *O Jequitinhonha* e *O Farol*, em Minas; *O Antonina*, no Paraná; *Democracia* e *O Tempo*, no Rio Grande do Sul. O movimento penetra fundo nas academias; na de S. Paulo, onde surgira, em 1868, *O Quinze de Outubro*, e, em 1873, *A Crença*, *O Tribuno* e *A Coruja*, de tendências ecléticas, com a Convenção de Itu, a 17 de maio de 1873, multiplicaram-se os pequenos jornais republicanos e até abolicionistas. Em 1874, Lúcio de Mendonça, que voltara à Faculdade, lançava, com vários colegas, *O Rebate*; em 1875, Estêvão Leão Borroul mantinha o *Onze de Agosto*. À proporção que fluía o tempo e que a idéia ganhava a consciência geral, apareciam ali órgãos que provavam a adesão da mocidade acadêmica: o *Nove de Setembro*, de 1881, redigido por Raul Pompéia e outros; *A Luta*, de 1882; *A Onda*, de 1883, redigido por Joaquim Dias da Rocha, órgão do Centro Republicano Acadêmico; a *Vida Semanária*, de 1887, órgão abolicionista, redigido por Emiliano Pernetta e Artur de Castro Lima e, em segunda fase, por Olavo Bilac; e *A Sentinela*, de Artur Itabirano e A. Diana Terra. Curiosamente, aparecia, em 1888, *O Allioth*, escrito em volapuque, de Francisco Gaspar e Arlindo Carneiro; em seu quarto número, escrevia que “a questão que mais se agita no país, nestes últimos tempos, é a da substituição do braço escravo. E, deste modo, a imigração para o Brasil vai se avolumando cada vez mais. Não se trata, porém, de conservar o escravo, hoje livre, e sim de substituí-lo pelo colono. O que fará, então, o governo dessa pobre gente? Ontem, vítima do azorrague, hoje condenada pela inépcia de quem dirige os destinos desta terra!”.

A idéia republicana, assim, retomada de suas fontes históricas, ampliava-se progressivamente. Na terceira e quarta décadas da segunda metade do século XIX, ganhava a consciência da camada culta do país, estudantes, intelectuais, militares, padres. Na Corte, *A República* reunia os melhores elementos da literatura e da imprensa. Lúcio de Mendonça, anos depois, recordará esse prestígio incontestado: “Há vinte anos, pelo correr de 1872, a sala de redação da *República*, na rua do Ouvidor, onde hoje está a con-

de Oliveira Filho, Francisco Peregrino Viriato de Medeiros, Antônio de Sousa Campos, Manuel Marques da Silva Acauã, Máximo Antônio da Silva, Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, Salvador de Mendonça, Eduardo Batista R. Franco, Manuel Benício Fontenele, Félix José da Costa e Sousa, Paulo Emílio dos Santos Lobo, José Lopes da Silva Trovão, Antônio Paulino Limpo de Abreu, Macedo Sodré, Alfredo Gomes Braga, C. de Brício, Manuel Marques de Freitas, Tomé Inácio Botelho, Eduardo Carneiro de Mendonça, Júlio V. Gutierrez, Cândido Luís de Andrade, José Jorge Paranhos da Silva, Emílio Rangel Pestana, Antônio Nunes Galvão e Galdino Emiliano das Neves. Eram advogados, médicos, negociantes, professores, jornalistas, engenheiros, fazendeiros, funcionários públicos.